



Estratégia de Murphy (à direita) fez o Giants, do jogador David Diehl (C), conquistar o Super Bowl

DISCURSO DA VITÓRIA

Método de guerra para executivos

O homem que levou uma equipe derrotada à consagração nos EUA

CLÁUDIO RABIN

Se, dada a situação calamitosa da economia americana, o ambiente corporativo ganhou um ar sombrio, desmotivado, o americano Jim Murphy acredita ter a solução.

O ex-piloto das forças armadas dos EUA carrega consigo um lema que define o que faz, o que pensa e o seu trabalho na empresa Afterburner: “business is combat” (o ambiente de negócios é uma forma de combate, em tradução livre).

Nos vídeos que circulam pela internet, onde se pode ver Murphy em ação, lá está ele de macacão verde-oliva, sempre em pé, esportivo, falando alto, firme e forte para executivos ou para equipes de vendedores sentados, pouco atléticos e muitos até barrigudos. Existe um ar cômico no contraste, mas todos escutam atentamente a palavra de ordem: “business is combat”. Murphy explica: o mundo dos negócios é um ambiente de mudanças rápidas, desafiadoras e, por vezes, hostil. Algo que os militares de elite sabem lidar com precisão. Exatamente, bem, talvez não exatamente... mas com alguma semelhança com a maneira como um executivo em posição de liderança precisa lidar.

Nascido em Shelbyville, Kentucky,

uma cidade que atualmente tem 10 mil habitantes, aos 23 anos Murphy decidiu entrar para a força aérea. Algo que revolucionou sua vida:

– Em apenas 14 meses, de jovem interiorano, fui transformado em piloto de guerra de um dos equipamentos mais modernos do mundo, o F-15 – lembrou o empresário durante entrevista a ZH por telefone.

Ali ele entendeu que existia um método, um processo capaz de, em curto período de tempo, fazer com que indivíduos e equipes inteiras evoluíssem. Se o mesmo treinamento fosse estudado e adaptado ao ambiente corporativo, ele pensou, seria possível tornar empresas mundo afora muito mais eficientes.

Murphy atuou em missões de combate às drogas

Nascia o esboço do modelo que se chamaria “Flawless Execution” (execução sem falhas). Seis anos depois de entrar para as forças armadas, ele fundou em 1996 a Afterburner, que busca implementar o método no rico mercado de palestras motivacionais e treinamento de executivos.

Embora tenha atuado em missões de combate às drogas no Panamá, Murphy não chegou a combater em uma guerra. Em 1991, já piloto de elite, ele chegou a ser enviado à base americana na Turquia para uma

missão na Guerra do Golfo, mas sua unidade não foi acionada.

De qualquer maneira, a empresa cresceu, trazendo profissionais saídos da elite militar americana, como os Seals (unidade que executou a ação onde Osama bin Laden foi morto), e trabalhando em diversos países, inclusive no Brasil, onde acaba de abrir um escritório em São Paulo. Seu case de maior visibilidade, por coincidência, ocorreu em um terreno no qual também se costuma usar metáforas de combate: o futebol americano. Em outubro, na metade da temporada, após uma série de derrotas, Murphy foi convidado para trabalhar com a equipe do The New York Giants. Em pouco tempo fez o diagnóstico:

– Após os jogos, vimos que os jogadores e o técnico não estavam sendo honestos uns com os outros. E parte da nossa metodologia trabalha justamente na eliminação das barreiras que impedem transparência entre o chefe e seus funcionários.

O resultado do trabalho todo o país assistiu no último dia 5: os Giants venceram o Super Bowl, evento de maior audiência da TV americana. De olho na Copa do Mundo, Murphy mira o Brasil como mercado – mesmo que disciplina e metodologia sejam a antítese do chamado “jeitinho brasileiro”. Ciente disso, o empresário afirma estar disposto a combatê-la: afinal, “business is combat”.

PELO MUNDO

TENSÃO NO ATLÂNTICO SUL

Disputa pelas Ilhas Malvinas chega à ONU

O chanceler argentino, Hector Timerman, entregou ontem ao secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Ban Ki-moon, uma denúncia contra a militarização britânica que o país alega estar acontecendo nas Ilhas Malvinas (Falklands, para os britânicos).

Timerman deixou Buenos Aires para ir pessoalmente à sede da ONU, em Nova York, apresentar as alegações argentinas. Moon disse estar disposto a intervir na disputa e manifestou preocupação pela “crescente e forte troca de acusações entre Argentina e Grã-Bretanha sobre o assunto”.

DE OLHO NOS VOTOS

Obama revê política de contraceptivos

Em um esforço para acalmar a Igreja Católica e as parcelas mais conservadoras do eleitorado americano, o presidente Barack Obama anunciou ontem um leve recuo na política de cobertura de métodos anticoncepcionais por parte dos planos de saúde, tornada pública em janeiro. Segundo ele, hospitais, universidades ou qualquer outra organização de caráter religioso deixarão de ser obrigados, como era previsto, a arcar com os

custos dos métodos contraceptivos das funcionárias, o que passará a ser responsabilidade direta das companhias de planos de saúde.

Desde que Obama anunciou a política de controle de natalidade, há um mês, os republicanos aproveitaram para atacar o presidente. A antipropaganda republicana obrigou assessores de Obama a repensar uma forma de apresentar a nova medida sem provocar a ira dos eleitores religiosos – e a perda votos.



Cartões-postais congelados

O rio Danúbio ficou congelado por centenas de quilômetros (na foto, Budapeste), milhares de pessoas seguem isoladas pela neve e um novo registro aponta 590 mortes em toda a Europa, devido ao frio glacial que persiste no continente e deve se prolongar no final de semana.

O tráfego fluvial no Danúbio foi interrompido devido ao gelo, que se estende por centenas de quilômetros na Áustria, Hungria, Croácia, Sérvia e Bulgária, paralisando as atividades na principal via comercial navegável do continente.

PRESSÃO

Comissária da ONU quer Síria no TPI

As autoridades sírias suspeitas de cometerem ou ordenarem crimes contra a humanidade devem ser julgadas pelo Tribunal Penal Internacional, com sede em Haia. A opinião é da alta comissária para Direitos Humanos das Nações Unidas, Navi Pillay. Ex-juíza de crimes de guerra, Navi deverá apresentar sua posição na segunda-feira, durante uma sessão da Assembleia Geral da ONU sobre a Síria.

O NÚMERO

Uma pesquisa feita após o fim do julgamento de Baltasar Garzón mostra que a maioria dos espanhóis não apoia a pena aplicada ao juiz – de 11 anos sem exercer a profissão. Apenas

36%

consideram que havia motivos suficientes para julgá-lo. Cerca de 65% dos entrevistados acreditam que um juiz pode interceptar conversas se considerar que o que está sendo dito supera o direito à defesa.

Fonte: Metroscopia a pedido do jornal El País